

26 p.

W. Bader  
~~W. Bader~~

# A ópera de três vinténs

Die Dreigroschenoper

Escrito em 1928

Estréia: 31.8.1928 em Berlim

Tradução: Wolfgang Bader e Marcos Roma Santa

Versificação das canções: Wira Selanski

## PRÓLOGO

### A MORITAT DE MAC NAVALHA

*Uma feira em Soho.*

*Os mendigos mendigam, os assaltantes assaltam, as prostitutas se prostituem. Um cantor de feira canta uma moritat.*

Tubarão tem dentes fortes,  
Que não tenta esconder;  
Mackie tem uma navalha,  
Que ninguém consegue ver.

Tubarão tem barbatanas,  
Que de sangue rubras são;  
Mackie usa uma luva,  
Que esconde a vil ação.

Nas londrinas águas verdes  
Some gente — grande azar!  
Não é cólera nem peste:  
É o Navalha a rondar!

Num domingo ensolarado,  
Um cadáver jaz no chão —  
E um homem dobra a esquina —  
É o Navalha, o valentão.

Mosche Meier está sumido,  
E outros tantos marajás:  
Sua grana embolsa o Mackie,  
Mas tu nada provarás.

*Peachum passeia pelo palco com mulher e filha, da esquerda para a direita.*

Jenny Towler foi achada  
Esfaqueada lá no cais —  
Quem furou seu peito branco?  
Foi Navalha? É demais!

SENHORA PEACHUM — É de um sistema que ele precisa!  
PEACHUM — Que ele faça um idiota. Você volta às seis horas  
e aí nós vamos lhe ensinar o necessário. Cai fora!

FILCH — Obrigado, senhor Peachum, muito obrigado. Sai.  
PEACHUM — Cinquenta por cento! — E agora lhe direi  
quem é este senhor de luvas: Mac Navalha.

*Sobe correndo a escada até o quarto de Polly.*

SENHORA PEACHUM — Oh, meu Deus! Mac Navalha! Jesus!  
Oh, meu Jesus, visitai esta casa! — Polly! O que houve  
com Polly?

*Peachum volta devagar.*

PEACHUM — Polly? Polly não voltou para casa. A cama dela  
não está desfeita.

SENHORA PEACHUM — Então ela foi cear com o comerci-  
ante de lá. Com certeza, Jonathan!

PEACHUM — Deus queira que tenha sido o comerciante de lá.

*Senhor e senhora Peachum se colocam diante da cortina  
e cantam. Iluminação para canção: luz dourada. O ór-  
gão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores  
presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:*

### CANÇÃO DO EM-VEZ-DE

1

PEACHUM — Em vez de viver  
Em seu lar, no seu leito deitar,  
Elas querem prazer,  
Querem extravagâncias sem par.

SENHORA PEACHUM — É do Soho o luar

É a letra danada daquela toada:  
"Para onde fores, irei eu também, meu Johnny", a soar  
Quando surge o amor e a lua prateada.

2

PEACHUM — Em vez de fazer  
Algo que tem sentido na vida,  
Elas querem prazer,  
É o fim é — sarjeta fedida.

SENHORA PEACHUM — Onde foi-se do Soho o luar?

É a letra danada daquela toada:  
"Para onde fores, irei eu também, meu Johnny", a soar  
Quando acaba o amor e tu acabas na lama metida?

2

INTELLIGÊNCIA DO SOHO, O BANDIDO MAC NAVALHA CELE-  
BRA SEU CASAMENTO COM POLLY PEACHUM, A FILHA DO REI  
MENDIGOS

*Uma estrebaria vazia.*

MATTHEIAS, chamado Matthias-moeda, revólver na mão, fa-  
zendo correr a luz de uma lanterna por todos os cantos  
da estrebaria — Alô, se tiver alguém aí, mãos ao alto!

*Macbeath entra e dá uma volta pela cena.*

MATTHEIAS — Então, tem gente aí?

MATTHEIAS — Ninguém! Aqui poderemos celebrar o casa-  
mento em paz.

MATTHEIAS entra vestida de noiva — Mas isto aqui é uma estre-  
baria!

MAC — Senta por enquanto aí no cocho, Polly. *Para o público*: Celebrar-se-á hoje, nesta estrebaria, minha boda com a senhorita Polly Peachum, que por amor me seguiu para compartilhar comigo a minha vida futura.

MATTHIAS — Muita gente em Londres dirá que foi a maior façanha que você realizou até hoje, isso de ter tirado da casa paterna a única filha do senhor Peachum.

MAC — Quem é o senhor Peachum?

MATTHIAS — Ele mesmo dirá que é o homem mais pobre de Londres.

POLLY — Mas você não está querendo celebrar o nosso casamento neste lugar! Isto aqui não passa de uma simples estrebaria! E chamar o pastor aqui, nem pensar. Além do mais, ela sequer é nossa. Realmente, Mac, não deveríamos começar nossa nova vida invadindo a propriedade alheia. Afinal, este é o dia mais lindo de nossas vidas.

Extrato das "Notas à Ópera de três vinténs" \*

Observações para os atores \*\*

(As notas no texto referem-se às *Observações para os atores*)

No que diz respeito à transmissão do enredo, o espectador não deve ser levado a trilhar o caminho da empatia, mas que se estabeleça uma comunicação entre o espectador e o ator, na qual, apesar de toda a estranheza e todo o distanciamento, o ator em última instância se dirija diretamente ao espectador. Assim, o ator deve narrar mais ao espectador sobre a personagem a ser representada do que "está em seu papel". Claro que ele terá de assumir aquela atitude através da qual o acontecimento flui com facilidade. Porém, ele também deve ser capaz de se relacionar com acontecimentos diferentes dos do argumento, portanto não apenas atender ao argumento. Por exemplo, numa cena de amor com Macheath, Polly é não apenas a amada de Macheath, mas também a filha de Peachum; e nem sempre só a filha, mas também a empregada de seu pai. Suas relações com o espectador têm de conter sua crítica às imagens usuais do espectador quanto ao que seja uma mulher de bandido, uma filha de comerciante e assim por diante.

\* [Vide notas restantes nos *Escritos para o Teatro (Schriften zum Theater)*, notas às peças e às representações.]

\*\* Comparem-se as *Notas à Ópera [in Escritos para o Teatro (Schriften zum Theater)]*, notas às peças e notas.]

MAC: — Minha querida, tudo será como você deseja, para que o teu pé não tropece em alguma pedra. Até a mobília já está encomendada.

MATTHIAS — Os móveis estão chegando.

*Ouve-se o barulho de grandes caminhões que chegam. Meia dúzia de homens entra carregando tapetes, móveis, louças etc., com que transformam a estrebaria num local exageradamente luxuoso.*<sup>1</sup>

MAC — Que lixo.

*Depositam os presentes à esquerda, cumprimentam a noiva e prestam contas ao noivo.*<sup>2</sup>

JAKOB, chamado Jakob-dedo-de-gancho — Felicidades! Ginger Street, 14. Havia gente no primeiro andar. Tivemos que desinfetar a área antes.

ROBERT, chamado Robert-serrote — Felicidades! Um policial virou presunto na beira do rio.

MAC: — Amadores.

PIET: — Fizemos o que pudemos, mas não deu para salvar as três pessoas no Westend, elas estavam mesmo a fim de morrer. Felicidades.

MAC: — Amadores e incompetentes.

JIMMY — Sobrou um pouco para um velho também. Mas não acho que tenha sido grave. Felicidades.

MAC: — Minhas instruções eram: sem derramamento de sangue! Fico doente só de pensar nisso. Vocês nunca serão homens de negócios! Canibais, sim, mas homens de negócios, jamais!

*Os atores deveriam evitar apresentar esses bandidos como um bando de desgraçados tristes figuras de lenços vermelhos que animam as feiras e com os quais nenhum homem honesto tomaria um chope. Trata-se naturalmente de homens assentados na vida, alguns corpulentos e todos, sem exceção, bem sociáveis fora de seu trabalho.*

*Alguns dos atores terão a oportunidade de mostrar a utilidade das virtudes burguesas, bem como a relação íntima entre sentimentalismo e virtude.*

MAC — Louis XIV.

POLLY — Ele é magnífico. Estou tão feliz. Não tenho palavras. Os senhores são maravilhosamente atenciosos. Que pena a gente não ter um apartamento onde colocar tudo isso, não é, Mac?

MAC — Bem, estamos apenas começando. Todo começo é difícil. MUITÍSSIMO obrigado, Walter. Bom, tirem isso daqui. Vamos à comida!

JAKOB, *enquanto os outros põem a mesa* — E eu, como sempre, mais uma vez não trouxe nada. *Para Polly, de uma maneira solícita:* Creia-me, jovem senhora, para mim isto é profundamente constrangedor.

POLLY — Senhor Jakob-dedo-de-gancho, isso não tem a menor importância.

JAKOB — A rapaziada chega a esbanjar com presentes, e eu aqui de mãos abanando. Compreenda a minha situação. Mas comigo é sempre assim. Eu poderia lhe contar cada coisa, meu Deus, a senhora ficaria pasma! Ainda outro dia, encontrei com a Jenny-Espelunca, olá, disse, e aí?, sua puta velha...

*De repente, vê Mac parado atrás dele e sai sem dizer mais uma palavra.*

MAC *conduzindo Polly para o seu lugar* — Eis a melhor comida que você poderia provar neste dia, Polly. Por favor!

*Todos se sentam à mesa do banquete.*<sup>4</sup>

4. Deve-se mostrar a exposição da noiva e da sua dimensão casual no momento da posse definitiva. Pois no instante em que a oferta deve cessar, a demanda tem de atingir mais uma vez sua culminância. A noiva é cobiçada por todos, e o noivo é quem, por fim, "ganha a parada". Trata-se, portanto, de um incidente essencialmente teatral. Deve-se mostrar, também, que a noiva come muito pouco. Frequentemente vêem-se as pessoas mais delicadas engolirem galinhas e peixes inteiros. As noivas jamais fazem isso.

MAC — *olhando para o serviço* — Bonitos pratos! Hotel Savoy!

JAKOB — Os ovos com maionese são de Selfridge. Estava previsto um balde de paté de foie gras. Mas, no caminho, o Jimmy devorou tudo de tanta raiva, porque o balde tinha um buraco.

MAC — Gente fina não usa a palavra buraco.

POLLY — Não devore os ovos assim, Ede, pelo menos hoje!

MAC — Por que ninguém canta alguma coisa? Algo que delecte?

JAKOB — *engasga de tanto rir* — Algo que delecte? Que palavra mais chique. *Sob o olhar aniquilador de Mac, torna a sorrir-se.*

MAC — *apanha a travessa da mão de um deles com um safanão*

— Na verdade, eu não queria que começássemos a comer já. Vocês sempre atacam a mesa e caem logo de lado na comida. Mas eu teria preferido antes alguma coisa de molene. Afinal, com outras pessoas também sempre acontece algo especial, num dia como este.

MAC — O quê, por exemplo?

JAKOB — Será que eu tenho que inventar tudo sozinho? Claro não estou esperando nenhuma ópera aqui. Mas vocês não poderiam ter preparado alguma coisa, algo que não se resumisse em comer e contar piadinhas sujas. Isso é, num dia como este é que ficamos sabendo até que ponto podemos contar com os amigos.

MAC — O salmão está maravilhoso, Mac.

JAKOB — É, um assim a senhora ainda não engoliu. Com Mac Navalha, tem isto todos os dias. A senhora deu um verdadeiro golpe do baú. É como eu sempre digo: Mac é uma partidão para moças que aspiram a coisas elevadas. *Antes estava dizendo isto para Lucy.*

MAC — Lucy? Quem é Lucy, Mac?

E ela não sabia o nome dele sequer.  
Viva!

Sabe onde sua mulher trabalha? Não!  
Pretende abandonar seus vícios? Não!  
(Viva! Viva! Viva!)

Bill Lawgen confessou-me isto à parte:  
Eu quero dela só uma pequena parte.  
Porcalhão!  
Viva!

MAC — Só isso? Que precariedade!

MATTHIAS *engasga de novo* — Precariedade, eis a palavra certa, meus senhores, precariedade.

MAC — Cala essa boca!

MATTHIAS — Bem, eu só queria dizer que faltou alma, calor, algo assim.

POLLY — Meus senhores, se ninguém quer cantar nada, eu mesma apresentarei um numerozinho, isto é, vou imitar uma menina que eu vi uma vez num desses botecos-de-quatro-vinténs, lá no Soho. Ela era a copeira e, vejam, senhores, todo mundo ria dela; mas aí ela se dirigia aos fregueses e dizia para eles o que eu agora cantarei para os senhores. Bem, isto aqui é o pequeno balcão, imaginem que ele está horrivelmente sujo, e atrás dele, ela ficava, dia e noite. Este é o balde e este é o esfregão com o qual ela lavava os copos. Onde estão sentados os senhores, estavam os fregueses que riam dela. Os senhores também podem rir para que tudo fique exatamente como era; mas se não pudérem, também não precisam rir. *Ela faz como se levasse os copos, murmurando algo para si.* Agora, por exemplo, um dos senhores vai dizer — *apontando para Walter* — o senhor: Então, quando é que vai chegar teu navio, Jenny?

WALTER — Então, quando é que vai chegar teu navio, Jenny?

POLLY — E um outro diz, o senhor por exemplo: Você continua lavando os copos, Jenny, sua noiva de piratas?

MATTHIAS — Você continua lavando os copos, Jenny, sua noiva de piratas?

POLLY — Isso, e agora eu começo.

*Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:*

### JENNY-PIRATA

1

Meus senhores, hoje eu lavo copos  
E faço a cama de qualquer freguês,  
Aceitando gorjetas, no papel  
De pobre empregada num sujo hotel,  
E ninguém me pergunta: quem és?  
Mas um dia ouvem-se gritos no porto  
E perguntam: que sons infernais?  
Ao me verem sorrindo sobre os copos:  
Por que raios sorri sempre mais?  
E a nau de oito velas,  
Com cinqüenta canhões,  
Ancora no cais.

2

E dizem: lava seus copos, menina!  
E dão-me algum vintém.  
A grana é tomada, a cama feita ligeiro,  
Mas ninguém deita mais no travesseiro,  
E quem sou, não sabe ninguém!  
Mas um dia ouvem-se gritos no porto  
E perguntam: que sons infernais?

Deixa eu lhe apresentar agora minha senhora, da família Peachum. Polly, este aqui é Brown-o-tigre, não é mesmo, meu chapa? *Dá tapinhas no ombro dele.* E aqui estão meus amigos, Jackie. Você já deve tê-los visto alguma vez.

BROWN *aflito* — Mas eu não vim aqui a serviço, Mac.

MAC — Eles também não. *Ele os chama. Entram todos de mãos ao alto.* — Alô, Jakob!

BROWN — Este é Jakob-dedo-de-gancho, um grande porco.

MAC — Alô Jimmy, alô Robert, alô Walter!

BROWN — Ok, esquece por hoje.

MAC — Alô Ede, alô Matthias!

BROWN — Sentem-se, senhores, sentem-se!

TODOS — Muito obrigado, senhor.

BROWN — Muito me alegra conhecer a bela senhora de meu velho amigo Mac.

POLLY — Não há de quê, senhor.

MAC — Senta aí, velho marujo, e dá um mergulho no whisky! — Minha querida Polly, meus senhores! Recebemos hoje em nosso meio um homem que os impenetráveis desígnios do rei colocaram muito acima de seus pares, mas que, no entanto, permaneceu meu amigo em todas as tormentas e reveses etc. etc. Os senhores sabem de quem estou falando — e você também sabe, Brown. Ah, Jackie, você se lembra como nós dois, você um soldado e eu um soldado, servíamos na Índia? Ah, Jackie, vamos cantar agora a canção dos canhões!

*Os dois sentam na mesa.*

*Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:*

## CANÇÃO DOS CANHÕES

1

John estava lá e Jim também,  
E Georgie tornou-se sargento;  
Não importa, na guerra, quem é quem,  
Ao partir pro ofício sangrento.  
Viva a brigada  
Na canhonada  
Do Cabo ao Indústão:  
Na chuva ou granizo,  
Diante do paraíso,  
Achando muita graça  
Em cada nova raça,  
Faziam dela picadinho com feijão.

2

Johnny achava o whisky muito quente  
Jimmy se queixava do frio,  
Mas Georgie puxou-os de lado: Gente,  
A guerra é um desafio!  
Viva a brigada  
Na canhonada  
Do Cabo ao Indústão:  
Na chuva ou granizo,  
Diante do paraíso,  
Achando muita graça  
Em cada nova raça,  
Faziam dela picadinho com feijão.

3

John já morreu e Jim está morto,  
De Georgie, nem sombra no mundo,  
Mas o sangue é rubro, o mundo, torto,  
E a guerra é um poço sem fundo.

*Sentados, mexem com os pés como se estivessem marchando.*

Viva a brigada  
Na canhonada  
Do Cabo ao Industão:  
Na chuva ou granizo,  
Diante do paraíso,  
Achando muita graça  
Em cada nova raça,  
Faziam dela picadinho com feijão.

MAC — Embora a vida com suas torrentes caudalosas nos tenha separado violentamente, nós, amigos de juventude, embora nossos interesses profissionais sejam absolutamente distintos e, alguns até diriam, antagônicos, nossa amizade sobreviveu a tudo. Vejam se aprendem! Cástor e Pólux, Heitor e Andrômaca etc. etc. Raramente eu, o simples rato de rua, bem, vocês sabem o que quero dizer, fiz uma pequena pescaria sem dar-lhe, ao meu amigo, uma parte, uma considerável parte, hein?, Brown, como presente e prova de minha inextinguível fidelidade, e raramente ele — tira a faca da boca, Jakob! —, ele, o todo-poderoso chefe de polícia, deu uma blitz sem antes me dar uma pequena dica, a mim, seu amigo de juventude. Bem, e assim por diante, afinal é essa a lei da reciprocidade. Vejam se aprendem. *Dá o braço a Brown.* Bem, velho Jackie, fico feliz de você ter vindo, isto é que é verdadeira amizade. *Pausa, pois Brown lança um olhar preocupado a um tapete.* É um persa legítimo.

BROWN — Da Companhia de Tapetes Orientais.

MAC — É de lá que nós pegamos tudo o que precisamos. Sabe, Jackie, fiz questão de tê-lo aqui hoje; porém, sua posição... espero que isso não crie problemas para você.

BROWN — Ora, Mac, você sabe muito bem que eu não posso lhe recusar nada. Mas agora preciso ir. Tenho mil preocupações na cabeça; se acontecer o menor incidente na coroação da rainha...

MAC — Escute aqui, Jackie, o meu sogro é um nojento de um burro velho. Se ele tentar me aprontar uma, será que na Scotland Yard consta alguma coisa contra mim?

BROWN — Não consta absolutamente nada contra você na Scotland Yard.

MAC — É claro.

BROWN — Dei sumiço a tudo. Boa noite.

MAC — Vocês não vão se levantar?

BROWN para Polly — Muitas felicidades! *Sai, acompanhado de Mac.*

JAKOB, *que, acompanhado por Matthias e Walter, conversava com Polly* — Devo confessar que senti um certo medo quando disseram que Brown-o-tigre estava chegando.

MATTHIAS — Pois saiba, distinta senhora, que nós temos lá as nossas relações com as mais altas autoridades.

WALTER — É, quando a gente nem imagina, Mac tem sempre uma carta na manga. Mas nós também temos as nossas cartinhas. Meus senhores, são nove e meia.

MATTHIAS — E agora vem o principal.

*Todos vão para trás do tapete, que esconde algo. Mac entra.*

MAC — E aí, o que está acontecendo?

MATTHIAS — Mais uma pequena surpresa, Capitão.

*Atrás do tapete, cantam suave e animadamente a canção de Bill Lawgen. Mas quando chegam ao verso "... não sabia o nome dele sequer", Matthias arranca o tapete; agora todos cantam de modo grosseiro, batendo na cama que estava escondida atrás do tapete.*

MAC — Muito obrigado, meus amigos, muito obrigado.

WALTER — Bem, então vamos sair de fininho.

*Todos saem.*

MAC — E agora é a vez do sentimento. Senão o homem vira um animal de carga. Sente-se, Polly.

*Música.*

MAC — Vês a lua sobre o Soho?

POLLY — Eu vejo, querido. Sentes meu coração bater, amado?

MAC — Eu sinto, amada.

POLLY — Para onde fores, irei eu também.

MAC — E onde ficares, eu ficarei também.

AMBOS — Mesmo sem registro civil afinal,

E sem flor no altar,

Sem saber de onde vem teu vestido nupcial,

Sem grinalda para te enfeitar —

O prato, do qual tu comeste teu pão,

Sem dó, deves longe jogar!

O amor dura ou chega ao fim,

Neste ou noutro lugar.

3

PARA PEACHUM, QUE CONHECE AS AGRURAS DO MUNDO,  
PERDER SUA FILHA SIGNIFICA A RUÍNA TOTAL

*Rouparia para mendigos de Peachum.*

*À direita, o senhor e a senhora Peachum. Na porta está Polly, vestida de mantô e chapéu, segurando uma mala na mão.*

SENHORA PEACHUM — Casada? Primeiro, nós a cobrimos toda de vestidos e chapéus e luvas e sombrinhas, e depois que ela já nos saiu tão cara quanto um transatlântico, ela mesma se joga na sarjeta como um pepino podre. Você casou mesmo?

*Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:*

COM UMA PEQUENA CANÇÃO, POLLY INSINUA  
AOS PAIS SEU CASAMENTO COM O LADRÃO MAC-  
HEATH

1

Outrora, ainda inocente

— Eu era inocente, podem crer! —

Pensei: talvez, um dia, venha um cavalheiro,

Então, devo saber o que fazer.

Se ele for rico,

Se for amável,

Com o pescoço cheirando a loção,

Se for bem-educado com a dama,

Então, minha resposta será: “não”.

Pois a gente deve ser inacessível

E manter-se imparcial.

Certamente a lua brilha a noite toda,

E nas ondas se balança a canoa,

Nada mais além disso, afinal.

Sim, a gente deve negar-se,

Deve manter frio o coração.

Tanta coisa pode acontecer à noite,

Mas eu sempre respondo: “não”.

2

O primeiro veio de Kent —

Um galante dos pés à cabeça;

O outro tinha três navios no porto;

O terceiro pegou fogo depressa.

Mas como eram ricos,

E eram amáveis,

O pescoço cheirando a loção,

E sabiam respeitar a dama,

Então, minha resposta foi: “não”.

Eu fui distante e inacessível

E mantive-me imparcial.

Certamente a lua brilhou a noite toda,

E nas ondas balançou-se a canoa,  
Nada mais além disso, afinal.  
Sim, a gente deve negar-se,  
Deve manter frio o coração.  
Tanta coisa pode acontecer à noite,  
Mas eu sempre respondo: "não".

3

Mas um dia, e o dia estava azul,  
Veio alguém, que não soube pedir:  
Pendurou seu chapéu atrás da porta,  
E eu não pude mais resistir.  
E como não era rico  
Nem era amável,  
Seu pescoço cheirando a sabão,  
E não soube respeitar a dama,  
A resposta não foi mais: "não".  
Então, tornei-me acessível,  
E não permaneci imparcial.  
Certamente a lua brilhou a noite toda,  
E nas ondas balançou-se a canoa,  
Tudo mais aconteceu, afinal.  
Pois a gente não deve negar-se  
E não deve manter frio o coração.  
Tanta coisa pode acontecer à noite,  
Quando a resposta não é "não".

PEACHUM — Então, ela virou uma fêmea de criminoso. Muito bonito. Que beleza!

SENHORA PEACHUM — Já que você desceu tanto a ponto de se casar, tinha que ser com um ladrão de cavalo e saltador? Você ainda vai pagar caro por isso! Eu sabia que ia acabar assim. Já de criança tinha esse nariz em pé que nem a rainha da Inglaterra.

PEACHUM — Então, ela casou mesmo!

SENHORA PEACHUM — É, ontem às cinco horas.

FRANCISCA — Com um criminoso notório. Pensando bem, temos aí uma prova da grande ousadia desse homem. Se deu de bandeja a minha filha, o único arrimo de minha velhice, então a minha casa desaba e eu fico a ver navios. Eu não ousaria abrir mão nem de um único fio de cabelo; isto seria morte certa por inanição. Ora, se nós três agüentássemos todo o inverno com uma única acha de lenha, aí, quem sabe, chegaríamos a ver o próximo ano. Quem sabe...

FRANCISCA PEACHUM — O que é que há com você, afinal? Nota é a nossa paga, Jonathan. Estou ficando louca. Está tudo girando na minha cabeça. Não me agüento em pé. Oh! Desmaia. Um copo de Cordial Médoc.

FRANCISCA — Está vendo como você deixou sua mãe? Rápido! Então, uma fêmea de criminoso. Muito bonito. Que beleza! É notável como a pobre tomou isso a peito. Polly volta com uma garrafa de Cordial Médoc. Este é o único consolo que resta a tua pobre mãe.

POLLY — Pode dar-lhe tranqüilamente dois copos. Minha mãe agüenta uma dose dupla quando não está muito católica. Isto a porá de pé outra vez. Durante toda a cena, ela apresenta um aspecto muito feliz.

FRANCISCA PEACHUM *acorda* — Oh, agora ela vem de novo com este zelo fingido e este falso cuidado.

*Entram cinco homens.*<sup>5</sup>

5 An mostrar tais coisas como o negócio de Peachum, os atores não devem se preocupar demais com o transcurso habitual da ação. Porém, quando isto devem apresentar um ambiente, mas sim um acontecimento. O que fazer um desses mendigos tem de pretender mostrar a escolha de uma perna de pau adequada e convincente (experimentando uma, deixando a de lado, experimentando outra para, em seguida, se decidir pela primeira), de maneira tal que, especialmente por causa deste número, as pessoas não resolvam a procurar o teatro mais uma vez, no momento em que ele se realiza, e nada impede que o teatro anuncie este número nos bastidores do fundo da cena!

MENDIGO — A gente temos que se queixar com energia, em que aqui é uma porcaria, em que isto não é nenhum coto direito, mas um remendo mal-arranjado que com ele não joga o meu dinheiro fora.

PEACHUM — Que é que você quer, este coto é tão bom quanto todos os outros, só que você não o mantém limpo.

MENDIGO — É, né? E por que eu não ganho tanto quanto todos os outros? Não, o senhor não pode fazer isso comigo. *Joga o coto no chão.* Para ter uma droga dessas, então era melhor cortar logo a minha perna de verdade.

PEACHUM — O que é que vocês querem, afinal? Por acaso é culpa minha se as pessoas têm um coração de pedra? Também não posso fornecer cinco cotos a vocês! Em cinco minutos, transformo um homem numa carcaça tão lamentável que até um cão choraria ao vê-lo! Pega aí mais um coto se um só não lhe basta. Mas cuide das suas coisas.

MENDIGO — É, assim vai dar pé.

PEACHUM *examinando a prótese de outro* — Couro não serve, Célia; borracha é bem mais nojenta! *Ao terceiro:* O inchaço também diminuiu, ainda por cima é o último. Agora a gente vai ter que começar tudo de novo. *Examinando o quarto:* Realmente, a tinha natural nunca chega a ser tão perfeita quanto a artificial. *Ao quinto:* Ora, mas que aparência é esta? Você se empanturrou de novo, agora vamos ter que tomar medidas drásticas.

MENDIGO — Senhor Peachum, juro que não comi nada de mais, esta minha gordurinha não é nada normal. Não tenho culpa.

PEACHUM — Nem eu. Está despedido. *Novamente ao segundo mendigo:* Entre "comover" e "dar no saco" há uma diferença muito grande, meu caro. Eu preciso é de artistas. Hoje em dia, só os artistas é que tocam o coração. Se vocês trabalhassem direito, seriam aplaudidos de pé pelo público! O que falta é criatividade! Assim não vai dar para renovar o seu contrato. *Os mendigos saem.*

POLLY — Chega aqui, dá só uma olhada. Você acha ele bonito? Não, né? Mas ele tem como se virar e me oferece uma vida digna. Ele é um notável arrombador ao mesmo tempo que um saltador experiente e de visão. Sei direitinho e até poderia dizer o total da sua poupança hoje. Mais alguns empreendimentos bem-sucedidos e a gente vai poder se retirar para uma pequena casa no campo, exatamente como o senhor Shakespeare, quem papai tanto aprecia.

PEACHUM — Bem, tudo isso é muito simples. Você está casada. E o que é que se faz quando se está casado, hein? Não precisa nem pensar. Claro, é só divorcial. Será que é tão difícil chegar a esta conclusão?

POLLY — Não estou entendendo o que você quer dizer.

SENHORA PEACHUM — Divórcio.

POLLY — Mas se eu o amo, como posso pensar em divórcio?

SENHORA PEACHUM — Me diz uma coisa, você não tem vergonha, não?

POLLY — Mamãe, se você alguma vez amou na sua vida...

SENHORA PEACHUM — Amor! Esses malditos livros que você leu acabaram virando sua cabeça! Polly, todo mundo faz isso!

POLLY — Então eu vou ser a exceção.

SENHORA PEACHUM — Então eu vou lhe dar uma surra, sua exceção.

POLLY — É, toda mãe faz isso, mas não adianta nada. Porque o amor é sempre maior do que a surra.

SENHORA PEACHUM — Polly, não exagera.

POLLY — Não deixo ninguém roubar o meu amor.

SENHORA PEACHUM — Mais uma palavra e você leva um tapa na cara.

POLLY — Mas o amor é a coisa mais sublime do mundo.

SENHORA PEACHUM — E aliás, aquele sujeito tem várias mulheres. Se um dia ele for enforcado, é bem possível que

meia dúzia de mulherzinhas apareçam como viúvas, cada uma delas trazendo provavelmente um fedelho no braço. Oh, Jonathan!

PEACHUM — Enforcado, de onde você tirou isso? Está aí uma boa idéia. Saia um instante, Polly. *Polly sai.* Certo. Isto vai dar quarenta libras.

SENHORA PEACHUM — Já entendi. Fazer uma denúncia ao xerife.

PEACHUM — É isso mesmo. Além do mais, ele será enforcado inteiramente grátis... E assim, nós matamos dois coelhos com uma só cajadada. Só que temos que saber onde é que ele se meteu.

SENHORA PEACHUM — Isso eu posso lhe dizer com certeza, meu querido. Ele está lá, metido com suas vagabundas.

PEACHUM — Mas elas não o entregarão.

SENHORA PEACHUM — Deixa comigo. Onde o ouro fala, tudo cala. Vou agora mesmo a Turnbridge falar com as meninas. Se daqui a duas horas este senhor se encontrar com uma delas, estará frito.

POLLY, *que ouviu tudo atrás da porta* — Querida mamãe, não precisa se dar ao trabalho. A se encontrar com uma dama dessas, Mac preferiria ir pessoalmente ao cárcere de Old Bailey. Mas mesmo que ele fosse a Old Bailey, o xerife lhe ofereceria um drinque e, entre um cigarro e outro, bateria um papo com ele sobre um certo negócio nesta rua, onde nem tudo está como manda o figurino. Pois, querido papai, este xerife se divertiu muito no meu casamento.

PEACHUM — Qual é o nome do xerife?

POLLY — Brown. Mas você só o conhecerá como Brown-o-tigre. Pois todos que têm motivo para temê-lo o chamam de Brown-o-tigre. Mas veja, meu marido o trata por Jackie. Pois para ele é simplesmente seu querido Jackie. São amigos de juventude.

PEACHUM — Ah, é? Então quer dizer que são amigos. O xerife e o bandido-mor devem ser mesmo os únicos amigos nesta cidade.

POLLY, *num tom poético* — Toda vez que juntos eles tomavam um drinque, se acariciavam a face, dizendo: "Se queres mais um trago, eu também querei". E toda vez que um deles saía, o outro, com os olhos rasos d'água, dizia: "Se tu fores para algum lugar, eu também irei para algum lugar". Não consta absolutamente nada contra Mac na Scotland Yard.

PEACHUM — Pois muito bem. Pretextando casamento, o senhor Macheath, um homem certamente casado mais de uma vez, induziu minha filha Polly a deixar a casa paterna, de terça à noite até a manhã de quinta. Eis o motivo que, antes mesmo de a semana acabar, o levará à forca, que é o que ele merece. "Senhor Macheath, outrora o senhor tinha luvas de pelica brancas, uma bengala com castão de marfim, uma cicatriz no pescoço e freqüentava o Hotel do Polvo. Agora só lhe restou a cicatriz, que, dentre todas as suas marcas, é a de menor valor; e freqüentar, só as gaiolas, para, como é de prever, logo, logo, lugar nenhum..."

SENHORA PEACHUM — Ah, Jonathan, você não vai conseguir; estamos falando de Mac Navalha, conhecido como o bandido-mor de Londres. Com ele ninguém pode.

PEACHUM — Pois quem é Mac Navalha? Se arruma que nós vamos ver o xerife de Londres. E você vai para Turnbridge.

SENHORA PEACHUM — Ver as putas.

PEACHUM — Pois a maldade do mundo é grande e é preciso gastar as solas para que ninguém nos roube os sapatos.

POLLY — Quanto a mim, papai, terei muito prazer de apertar novamente a mão do senhor Brown.

*Os três se adiantam para o proscênio e cantam sob iluminação para canção. Nos letrados lê-se:*

## PRIMEIRO FINAL DE TRÊS VINTÊNS

### SOBRE A INSTABILIDADE DAS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA HUMANA

POLLY — É demais, meu coração?

Nesta vida castigada  
Entregar-se e ser amada,  
É absurda ambição?

PEACHUM *com a Bíblia na mão* — Já que a vida é breve, o  
homem tem direito

De estar feliz, em nosso mundo cão,  
Para o prazer da mesa e do leito,  
E mastigar, não pedra, mas o pão.  
É seu sagrado, primordial direito:  
Mas que o tal direito fosse concedido,  
Nunca ouviu-se em sérias conversas;  
O homem gosta de ser bem-servido,  
Porém as circunstâncias são adversas.

SENHORA PEACHUM — Eu gostaria de ser boa  
E lhe dar o que quiser:  
Da vida a florida coroa —  
Acredite: com prazer.

PEACHUM — Ser homem bom! Sim, quem não gostaria?  
Doar tudo aos pobres nos seduz.  
Se u reino advém com nossa melhoria,  
E quem não quer estar na sua luz?  
Ser homem bom! Sim, quem não gostaria?  
No entanto, infelizmente, em nossa vida,  
Pessoas são sovinas e perversas.  
Quem não prefere paz e harmonia?  
Porém as circunstâncias são adversas.

POLLY E A SENHORA PEACHUM — Infelizmente, ele tem  
razão:  
O mundo é pobre, o homem, um vilão.

PEACHUM — Naturalmente, estou com a razão:

O mundo é pobre, o homem, um vilão.  
Quem não pretende um Éden terreal?  
Mas e as circunstâncias, afinal?  
Elas se negam a corresponder.  
E vejam bem: seu mais querido irmão,  
Saltando o bife, vira furacão  
E pisa-lhe bem o rosto, pode crer!  
E ser leal, não é maior prazer?  
Porém, sua esposa adorada,  
Sentindo sua chama já cansada,  
Pisa-lhe bem o rosto, pode crer!  
E grato, quem será que não quer ser?  
Porém, seu próprio filho bem-amado,  
Quando, no fim, o vir desamparado,  
Pisa-lhe bem o rosto, pode crer!  
E ser humano, quem não pretende ser?

POLLY E A SENHORA PEACHUM — Eis a eterna mesmice,  
Isso é uma chatice.  
O mundo é pobre, o homem, um vilão.  
Infelizmente, ele tem razão.

PEACHUM — Naturalmente, estou com a razão:  
O mundo é pobre, o homem, um vilão.  
Não fossem as pessoas tão perversas  
E nossas circunstâncias, adversas.

OS TRÊS — Basta que se confira:  
O mundo é uma mentira!

PEACHUM — O mundo é pobre, o homem, um vilão.  
Infelizmente, estou com a razão.

OS TRÊS — Eis a eterna mesmice,  
Isso é uma chatice.  
Basta que se confira:  
O mundo é uma mentira!

## SEGUNDO ATO

4

TARDE DE QUINTA-FEIRA; MAC NAVALHA SE DESPEDE DE SUA MULHER A FIM DE, FUGINDO DE SEU SOGRO, IR PARA O PÂNTANO DE HIGHGATE

*A estrebaria.*

POLLY entrando — Mac! Mac, não se assuste.

MAC deitado na cama — Ora, o que foi, que cara é essa, Polly?

POLLY — Estive com Brown, e meu pai também, e eles combinaram de pegar você; papai fez ameaças terríveis e Brown ficou do seu lado, mas aí ele voltou atrás, e agora ele também acha, Mac, que você deveria sumir por uns tempos. Arrume logo suas coisas.

MAC — Ora, bobagem, arrumar nada. Vem cá, Polly. O que eu quero fazer com você agora é outra coisa, não as malas.

POLLY — Não, agora não pode ser. Estou tão assustada. O tempo todo só falaram de força.

MAC — Não gosto de ver você agitada, Polly. Não consta absolutamente nada contra mim na Scotland Yard.

POLLY — É, ontem talvez não, mas, hoje, de repente, consta muitíssimo. O problema é que você... tenho aqui a relação das acusações; nem sei se consigo me lembrar de tudo, é uma lista que não acaba mais... você matou dois comerciantes, fez mais de trinta arrombamentos, vinte e três assaltos, incêndios, falsificações, homicídios premeditados, falsos testemunhos, e tudo isso em um ano e meio. Você é um homem terrível. E ainda seduziu duas irmãs menores em Winchester.

MAC — A mim, elas disseram que tinham mais de vinte anos. O que é que o Brown falou? *Levanta-se lentamente e caminha, assobiando, para a direita.*

POLLY — Ele ainda me pegou no corredor e me disse que agora ele não poderia fazer mais nada por você. Oh, Mac!

*Lança-se ao pescoço dele.*

MAC — Tudo bem, já que eu tenho que partir, você deve assumir a direção do negócio.

POLLY — Nada de negócios agora, Mac, não posso nem ouvir falar nisso. Beija a sua pobre Polly mais uma vez e jura que você nunca, nunca...

*Mac a interrompe bruscamente e a conduz para a mesa, plantando-a numa cadeira.*

MAC — Eis os livros de contabilidade. Presta bastante atenção. Esta é a relação do pessoal. *Lê:* Bem, aqui temos Jakob-dedo-de-gancho, um ano e meio de serviço; vejamos o que ele conseguiu. Um, dois, três, quatro, cinco relógios de ouro, não é muito, mas foi um trabalho limpo. Não sente no meu colo, não estou a fim agora. Aqui temos Walter-salgueiro-chorão, um tipo pouco confiável. Faz transações por conta própria. Alivia por três semanas, e depois rua. Entrega ele simplesmente para o Brown.

POLLY chorando — Entrego ele simplesmente para o Brown.

MAC — Jimmy II, um sujeito descarado, lucrativo mas descarado. Leva até as calcinhas das senhoras da alta sociedade. Dê-lhe um adiantamento.

POLLY — Dou-lhe um adiantamento.

MAC — Robert-serrote, um cara mesquinho, sem o menor talento, não morre enforcado, mas também não deixa nada.

POLLY — Também não deixa nada.

MAC — De resto, você faz exatamente como até agora, levanta às sete, se lava, toma um banho etc.

POLLY — Você tem toda razão, tenho que trabalhar duro e cuidar dos negócios. O que é seu, agora também é meu,

não é mesmo, Mac? E seus quartos? Não seria melhor me desfazer deles? Tenho a maior pena de jogar o dinheiro fora com o aluguel.

MAC — Não, preciso deles ainda.

POLLY — Mas para quê? Só vai consumir o nosso dinheiro!

MAC — Tenho a impressão de que você acha que não voltarei nunca mais.

POLLY — Como assim? Você sempre pode voltar a alugar!<sup>6</sup> Mac... Mac, eu não agüento mais. Fico sempre olhando para a sua boca e aí não escuto o que você diz. Você também me será fiel, Mac?

MAC — Claro que eu serei fiel; amor com amor se paga. Ou será que você acha que eu não te amo? O problema é que eu vejo mais longe que você.

POLLY — Eu lhe sou tão grata, Mac. Você aqui se preocupando comigo, enquanto os outros te perseguem como cães de caça...

*Ao ouvir a expressão "cães de caça", Mac fica paralisado, levanta, vai para a direita, tira o paletó, lava as mãos.*

MAC *apressado* — Você vai continuar mandando o lucro para o banco Jack Poole, em Manchester. Aqui entre nós: é só uma questão de semanas e eu me transfiro para o ramo bancário. É mais seguro e também mais lucrativo. No máximo em duas semanas, o dinheiro tem que ser retirado deste negócio, aí você vai ao Brown e entrega a lista à polícia. No máximo em quatro semanas, toda essa ralé terá desaparecido no xadrez de Old Bailey.

POLLY — Ora, Mac! Como é que você ainda pode olhar para eles depois de tê-los riscado do seu livro, levando-os pra-

6. É absolutamente desejável que o espectador sinta a senhorita Polly Peachum como uma jovem virtuosa e agradável. Assim como na segunda cena ela provou que seu amor é isento de qualquer cálculo, agora ela mostra aquela disposição prática, sem a qual este amor seria mera leviandade.

ticamente à força? Como é que, depois de tudo isso, você ainda consegue apertar a mão deles?

MAC: — De quem? Robert-serrote, Matthias-moeda, Jakob-dedo-de-gancho? Esses patifes?

*Entra o bando.*

MAC — Meus senhores, como me alegro em vê-los.

POLLY — Boa tarde, meus senhores.

MATTHIAS — Capitão, consegui finalmente o programa das festividades da coroação. Eu diria que temos dias de muito trabalho pela frente. Daqui a meia hora, chega o arcebispo de Canterbury.

MAC: — A que horas?

MATTHIAS — Às cinco e meia. Temos que partir já, Capitão.

MAC: — É verdade, vocês têm que partir já.

ROBERT — O que significa este "vocês"?

MAC: — Bem, é que, infelizmente, sou obrigado a fazer uma pequena viagem.

ROBERT — Deus do céu, estão querendo prendê-lo?

MATTHIAS — E isso justamente às vésperas da coroação! Sem o senhor, a coroação será como pão sem manteiga.

MAC: — Cala essa boca! Nestas circunstâncias passo, por pouco tempo, a direção do negócio a minha esposa. Polly! *Impurra-a para frente e vai para o fundo, observando-a de lá.*

POLLY — Rapazes, penso que nosso Capitão pode partir tranquilamente. Nós daremos conta do recado. Serviço de primeira, hein, rapazes?

MATTHIAS — Bem, eu aqui não apito nada. Mas não sei se justamente uma mulher, numa época como essa... Não é nada contra a senhora, madame.

MAC, *do fundo* — O que é que você diz disso, Polly?

POLLY — Seu canalha, estamos começando bem, hein? *Grita:* Claro que não é nada contra mim! Porque se fosse, estes

JENNY — Peguei um filho deste valentão.

MAC — Mas com prazer eu lhe servia de colchão.

JENNY — Para não esmagar no ventre a criancinha.

MAC — E que se foi pro brejo ainda bem novinha.

Foi num bordel de fina freguesia,  
Onde fixamos nossa moradia.

*Dança. Mac pega a bengala, ela lhe dá o chapéu e, enquanto ele dança, Smith pousa a mão no seu ombro.*

SMITH — Tudo bem. Por aqui, por favor.

MAC — Então, essa espelunca continua só com uma saída?

*Smith quer algemar Macheath, mas Mac dá-lhe um soco no peito; enquanto Smith cambaleia, Mac salta pela janela. Do lado de fora encontram-se a senhora Peachum e policiais.*

MAC sereno, com muita cortesia — Boa noite, distinta senhora.

SENHORA PEACHUM — Meu caro senhor Macheath. Meu marido costuma dizer que os maiores heróis da história universal caíram por causa deste pequeno deslize.

MAC — Se me permite a pergunta: como está seu esposo?

SENHORA PEACHUM — Melhor. Infelizmente, o senhor terá que se despedir agora dessas encantadoras damas. Policial, aqui por favor, conduza este senhor ao seu novo lar. *Levam-no preso. A senhora Peachum falando pela janela:* Minhas senhoras, se quiserem visitá-lo, o encontrarão sempre em casa, pois aquele senhor, de agora em diante, morará em Old Bailey. Bem que eu sabia que ele estaria vadiando com suas putas. A conta fica comigo. Passar bem, minhas senhoras. *Sai.*

JENNY — Olha só o que aconteceu, Jakob.

JAKOB, que, absorvido na leitura, não percebeu nada — Cadê o Mac?

Os policiais estiveram aqui.

Porra, e eu aqui lendo, lendo, lendo... Deus do Anil Sai.

MACHEATH É TIRADO DA CADEIA  
AMOR DE UMA OUTRA MULHER

em Old Bailey, uma cela.

John Brown.

Tomara que meu pessoal não consiga agarrá-lo! Meu Deus, quem dera que ele já estivesse além do pântano de Highgate, pensando no seu Jackie. Mas ele é tão descuidado, como todos os grandes homens. Se o trouxessem agora, preso, e ele me olhasse com aqueles olhos de cão fiel, aí eu não agüentaria. Graças a Deus que é noite de lua. Se ele agora estiver cavalgando sobre o pântano, pelo menos não se perderá. *Ruído no fundo.* Que é isso? Oh, meu Deus, estão trazendo ele.

Mac, amarrado com cordas grossas e escoltado por seis policiais, entra com altivez — Bem, seus bundas-moles, graças a Deus retornamos agora a nossa velha mansão. *Percebe Brown, que se refugia no canto extremo da cela.*

MACBROWN, depois de uma longa pausa, sob o terrível olhar do seu antigo amigo — Ah, Mac, não fui eu... fiz tudo o que... não me olhe assim, Mac... não agüento... Use teu silêncio também me apavora. *Grita para um policial:* Ei, seu porco, precisa arrastá-lo ainda com essa corda?... Diz alguma coisa, Mac. Diz alguma coisa para o seu pobre Jackie... Uma palavra só para... *Recosta a cabeça na parede e chora.* Ele não me acha digno sequer de uma palavra. *Sai.*

Seria nobre minha existência,  
 Se eu tivesse tais conceitos antes;  
 Olhei de perto seres semelhantes  
 E vi: não são da minha preferência.  
 Pobreza é sábia, mas também ingrata,  
 Coragem, fama — valem uma figa!  
 É insensato quem para elas liga.  
 Melhor é ter o sangue de barata.  
 Felicidade é para quem tem,  
 Só na fartura é que se vive bem!

*Entra Lucy.*

LUCY — Seu patife ordinário, como é que você ainda tem coragem de olhar para mim depois de tudo o que houve entre nós?

MAC — Lucy, então você não tem coração? Vendo o teu homem numa situação dessas.

LUCY — Meu homem? Seu monstro! Você acha então que eu não sei nada dessa história com a senhorita Peachum! Eu devia era arrancar seus olhos!

MAC — Honestamente, Lucy, será possível que você seja tão insensata a ponto de ter ciúmes de Polly?

LUCY — E você não está casado com ela, seu animal?

MAC — Casado! Esta é boa! Eu frequento a casa. Falo com ela. Às vezes até lhe dou uma espécie de beijinho, e agora essa cretina anda espalhando por aí que está casada comigo. Minha querida Lucy, estou disposto a tudo para que você fique tranqüila, e se você acha que isso só depende de um casamento comigo — tudo bem. O que mais um cavalheiro poderia dizer? Não pode dizer mais nada!

LUCY — Oh, Mac, eu queria apenas ser uma mulher decente.

Se você acha que só conseguirá isso casando-se com tudo bem. O que mais um cavalheiro poderia dizer? Não pode dizer mais nada! *Entra Polly.*

— Onde está meu marido? Oh, Mac, até que enfim. Não vire o rosto, você não precisa sentir vergonha de mim. Afinal, sou tua esposa.

Ah, seu patife ordinário.

— Oh, Mackie na cadeia. Por que você não fugiu pelo pântano de Highgate? Você me disse que não visitaria mais aquelas mulheres. Eu sabia o que elas iam te aprontar, mas não te disse nada porque acreditei em você. Mac, eu continuo do seu lado, até a morte. — Nenhuma palavra, Mac? Nenhum olhar? Oh, Mac, pensa como a tua Polly sofre vendo você assim.

Ah, mas que vagabunda.

— O que é isso, Mac? Quem é essa mulher? Ao menos diga a ela quem eu sou. Por favor, diga a ela que eu sou tua esposa. Não sou tua esposa? Olha para mim, não sou mesmo tua esposa?

— Seu velhaco traidor, então você tem duas mulheres, não desgraçado?

— Diga, Mac, eu não sou tua esposa? Não fiz tudo por você? Subi pura ao altar, você sabe disso. E você também me passou a chefia do bando e eu fiz tudinho como combinamos, e o Jakob até me pediu que...

— Se vocês duas pudessem calar o bico por apenas dois minutos, tudo se esclareceria.

— Não vou calar bico nenhum. Não agüento mais. Quem tem sangue nas veias, não pode agüentar uma coisa dessas.

— Ora, minha filha, é evidente que a esposa...

— A esposa!!

— ... a esposa, naturalmente, tem uma certa precedência. Sinto muito, minha filha, pelo menos em público. Qualquer um acaba maluco com tanta confusão.

tanto, que quase te preferia ver na forca do que nos braços de outra. Isto não é engraçado?

MAC — Lucy, minha vida está nas suas mãos.

LUCY — É maravilhoso ouvir você dizer isso. Diz outra vez.

MAC — Lucy, minha vida está nas suas mãos.

LUCY — Deixa eu fugir com você, meu amor?

MAC — Bem, você sabe, se fugirmos juntos vai ser muito difícil a gente se esconder. Assim que eles pararem com a caçada, mandarei buscar você, o mais rápido possível, pode crer.

LUCY — O que posso fazer para te ajudar?

MAC — Traz o chapéu e a bengala!

*Lucy volta com o chapéu e a bengala e os joga para dentro da cela.*

MAC — Lucy, o fruto de nosso amor que geras sob o teu coração nos unirá por toda a eternidade.

*Lucy sai.*

SMITH *aparece, entra na cela e diz a Mac* — Faça o favor de passar a bengala para cá.

*Smith persegue Mac com uma cadeira e uma barra de ferro. Esta caçada dura algum tempo até que Mac consegue saltar sobre as grades. Os policiais saem correndo atrás dele. Brown atrás da cena.*

BROWN (voz) — Olá, Mac! — Mac, por favor, responda, sou eu, Jackie. Mac, por favor, não faz assim, responda, não agüento mais. *Entra. Mackie!* Mas o que é isto? Ele se foi! Graças a Deus. *Senta-se no catre.*

*Entra Peachum.*

PEACHUM *a Smith* — Meu nome é Peachum. Vim pegar as quarenta libras prometidas em troca da prisão do bandido Macheath. *Vai até a cela.* Ei! Senhor Macheath?

*Brown cala.* Ah, é assim! Então, o outro cavalheiro foi dar uma voltinha? Ora, a gente aparece aqui para visitar um criminoso e quem está sentado aí: o senhor Brown! Brown-o-tigre está sentado aí, e seu amigo Macheath não está sentado aí.

BROWN *queixando-se* — Oh, senhor Peachum, não é minha culpa.

PEACHUM — Claro que não, de jeito nenhum, jamais o senhor mesmo iria... caso contrário, o senhor se poria numa tal situação... impossível, Brown.

BROWN — Senhor Peachum, eu não sei mais o que fazer.

PEACHUM — Acredito. O senhor tem mesmo que estar se contentando péssimo.

BROWN — É, este sentimento de impotência é que paralisa a gente. Esses caras fazem mesmo o que querem. É horrível, horrível.

PEACHUM — O senhor não quer se deitar um pouco? É só fechar os olhos e fazer como se nada tivesse acontecido. Imagine que está num belo prado verde com nuvens azuis no céu, e o mais importante, que o senhor tira da cabeça essas coisas horríveis. As que já passaram e, principalmente, as que ainda virão.

BROWN *intranquilo* — O que é que o senhor quer dizer com isso?

PEACHUM — O senhor está reagindo maravilhosamente. Eu, na sua situação, eu desmoronaria, iria para a cama e tomaria chá quente. E, sobretudo, cuidaria que alguém me passasse alguma mão na cabeça.

BROWN — Com os diabos, eu não tenho culpa se o cara fugiu. Neste caso, a polícia não pode fazer nada.

PEACHUM — Como neste caso a polícia não pode fazer nada? O senhor acha então que não veremos mais o senhor Macheath aqui? *Brown dá de ombros.* Neste caso o senhor será vítima de uma horrível injustiça. Claro que agora as pessoas vão dizer que a polícia não deveria tê-lo

JENNY — O que devemos entender por isso, distinta senhora?

SENHORA PEACHUM — Invadir o meu ninho no meio da noite! Entrar numa casa de família às três da madrugada! Vocês deviam era ir descansar de seu batente. Estão todas com cara de leite vomitado.

JENNY — Quer dizer, então, distinta senhora, que não receberemos nossos honorários contratados pela prisão do senhor Macheath?

SENHORA PEACHUM — Exatamente, uma merda para vocês, que salário de Judas, coisa nenhuma.

JENNY — E por quê, distinta senhora?

SENHORA PEACHUM — Porque o digníssimo senhor Macheath bateu de novo as asas e voou. Por isso. E agora, caras damas, para fora da minha requintada loja.

JENNY — Ora, mas isto é o cúmulo. Não faça isso com a gente, não! Estou lhe avisando. Com a gente, não!

SENHORA PEACHUM — Filch, as damas desejam ser acompanhadas até a porta.

*Filch caminha até elas, Jenny o empurra.*

JENNY — Gostaria de pedir à senhora que fechasse essa latrina, senão poderia acontecer que...

*Entra Peachum.*

PEACHUM — O que é que está havendo? Espero que você não tenha dado dinheiro a elas. Então, como é que é, minhas senhoras? O senhor Macheath está ou não está na prisão?

JENNY — Vê se o senhor não me enche mais o saco com essa sua idéia fixa no Macheath. O senhor não chega nem aos pés dele. Até tive que dispensar um freguês, esta noite, de tanto que fiquei chorando no travesseiro, só de pensar que vendi este cavalheiro ao senhor. É, minhas amigas, e o que vocês acham que aconteceu hoje de madrugada? Não faz nem uma hora, eu acabara de

adormecer de tanto chorar, quando assobiaram, e na rua encaixa justamente este senhor por quem eu chorara, pedindo que eu lhe jogasse a chave. Nos meus braços, queria me fazer esquecer a desgraça que lhe causei. É ele o último cavalheiro de Londres, minhas senhoras. E se a nossa colega Suky Tawdry não nos acompanhou até aqui é porque ele, depois que me deixou, foi ainda à casa dela para consolá-la também.

PEACHUM *para si* — Suky Tawdry...

JENNY — Bem, agora o senhor sabe que não chega nem aos pés dele. Seu delator infame.

PEACHUM — Filch, vai correndo até o próximo posto de polícia. O senhor Macheath está na casa da senhorita Suky Tawdry. *Filch sai.* Mas, minhas senhoras, para que brigarmos? É claro que o dinheiro será pago. Querida Célia, por que é que você, ao invés de ficar aí insultando as senhoras, não lhes prepara um café?

SENHORA PEACHUM *saindo* — Suky Tawdry! *Canta a terceira estrofe da "Balada da servidão sexual":*

Para a forca corre a sua estrada,  
Já a cal, para caiá-lo, está comprada!  
Por um cabelo pende sua vida,  
Mas continua a mente atrevida!  
Perto do fim ainda ergue-se o animal:  
É esta a servidão sexual.

Um Judas feminino o despachou.  
Até que, finalmente, ele viu:  
Buraco da mulher se lhe tornou  
Em tal buraco que o coveiro abriu.  
Mas mesmo assim, com todo este azar,  
Seu esporte favorito é trepar.

PEACHUM — Vamos, vamos! Vocês simplesmente acabariam nas cloacas de Turnbridge se, em minhas noites insones, eu não tivesse descoberto um meio de cavar alguns vin-

téns da sua pobreza. Descobri que os donos do mundo são capazes de provocar a miséria, mas ver a miséria, isto eles não suportam. Porque eles são covardes e imbecis, exatamente como vocês. Mesmo tendo com que se empanturrar até o fim de seus dias e podendo besuntar o chão de suas casas com manteiga, a ponto de até as migalhas caídas de suas mesas ficarem engorduradas, eles não agüentam ver com indiferença um homem desmaiando de fome; só que ele vai ter que desmaiar na porta deles.

*Entra a senhora Peachum trazendo uma bandeja com xícaras de café.*

SENHORA PEACHUM — Amanhã, vocês podem passar aqui na loja e pegar seu dinheiro, mas só depois da coroação.

JENNY — Senhora Peachum, não tenho palavras.

PEACHUM — Atenção, todos, daqui a uma hora nós nos reuniremos em frente ao palácio de Buckingham. Vamos!

*Os mendigos alinham-se.*

FILCH *entra correndo* — Os tiras! Nem deu para eu chegar até a delegacia. A polícia já está vindo aí!

PEACHUM — Escondam-se! *À senhora Peachum:* Chama o pessoal da banda, rápido. E quando você me ouvir dizer inofensivo, entendeu?, i-no-fen-si-vo...

SENHORA PEACHUM — Inofensivo? Não entendi nada.

PEACHUM — É claro que você não entendeu nada. Bem, quando eu disser i-no-fen-si-vo... *Batem à porta.* Graças a Deus, a deixa é esta, i-no-fen-si-vo, e aí vocês atacam com uma música qualquer. Rápido!

*A senhora Peachum sai com os mendigos. Os mendigos, menos a moça com o cartaz "Vítima da arbitrariedade militar", vão para o fundo com suas coisas e se escondem à direita atrás do cabide. Entram Brown e policiais.*

BROWN — Bem, o negócio agora é sério, senhor amigo dos mendigos. Smith, algema nele! Ah, temos aqui alguns dos graciosos cartazes. *À moça:* "Vítima da arbitrariedade militar" — é você?

PEACHUM — Bom dia, Brown, bom dia, dormiu bem?

BROWN — O quê?

PEACHUM — Bom dia, Brown.

BROWN — Ele está falando comigo? Ele conhece um de vocês? Acho que ainda não tive o prazer de conhecê-lo.

PEACHUM — Ah, não? Bom dia, Brown.

BROWN — Arranquem o chapéu da cabeça dele.

*Smith cumpre a ordem.*

PEACHUM — Pois é, Brown, já que o senhor está passando por aqui, estou dizendo passando, Brown, quero aproveitar a oportunidade para lhe pedir que ponha, finalmente, na cadeia um certo Macheath.

BROWN — O homem enlouqueceu. Não ria, Smith. Me diga uma coisa, Smith. Como é possível que este criminoso notório ainda circule livre por Londres?

PEACHUM — Porque ele é seu amigo, Brown.

BROWN — Ele quem?

PEACHUM — Mac Navalha. Eu não. Por acaso eu sou algum criminoso? Sou é um homem pobre, Brown. A mim o senhor não pode destratar. Brown, vejo que o senhor está a um passo da pior hora de sua vida; quer um café? *Às putas:* Meninas, ofereçam um gole de café ao senhor chefe de polícia, anda, sejam educadas! Por que não viver em harmonia? Nós todos obedecemos a lei! A lei foi feita única e exclusivamente para explorar aqueles que não a entendem ou que, por pura necessidade, não podem cumpri-la. E quem quiser receber sua parte nessa exploração tem que agir rigorosamente dentro da lei.

LUCY — Bem, querida senhorita, eu realmente não sei se o senhor Macheath é o único culpado. Você nunca deveria ter deixado sua classe social, querida senhorita.

POLLY — Senhora Macheath.

LUCY — Senhora Macheath.

POLLY — Tem toda razão — ou pelo menos deveria ter conduzido tudo em termos comerciais, como papai sempre quis.

LUCY — Sem dúvida.

POLLY *chorando* — Mas ele é meu único bem.

LUCY — Minha querida, esta desgraça pode acontecer à mulher mais inteligente do mundo. Ora, legalmente, a senhora é a esposa dele, isto deveria tranquilizá-la. Não quero mais ver você assim, tão deprimida, minha filha. Posso lhe oferecer uma coisinha?

POLLY — O quê?

LUCY — Algo para comer!

POLLY — Oh, sim, por favor, uma coisinha para comer. *Lucy sai. Polly consigo: Que peste!*

LUCY *volta com café e bolo* — Está bom assim?

POLLY — Não precisava se incomodar tanto, distinta senhora. *Pausa. Elas comem. Este retrato dele é muito bonito. Quando foi mesmo que ele o trouxe?*

LUCY — Como assim, trouxe?

POLLY *inocente* — Quero dizer, quando foi que ele o trouxe para cá?

LUCY — Ele nunca o trouxe.

POLLY — Ele lhe deu o retrato aqui mesmo, no quarto?

LUCY — Ele não esteve aqui no quarto.

POLLY — Ah é? Mas também isto não teria a menor importância, não é mesmo? Realmente, os caminhos do destino são bastante emaranhados.

MARY — Mas vamos parar com essa conversa mole. O que a senhora quer é espionar.

LUCY — Diga a verdade, a senhora sabe onde ele está.

MARY — Eu? Mas como? A senhora é que deveria saber.

LUCY — Diga logo onde ele está.

MARY — Não faço idéia.

LUCY — Então a senhora não sabe onde ele está. Jura?

MARY — Não, não sei. Então, a senhora mesma também não sabe?

MARY — Por incrível que pareça, não. *Polly ri e Lucy chora. Agora que ele tem dois compromissos, ele some.*

LUCY — Não agüento mais. Ah, Polly, tudo isto é tão terrível.

MARY *alegre* — Estou tão feliz! Pelo menos no fim dessa tragédia encontrei uma verdadeira amiga. Posso lhe oferecer mais alguma coisa, mais um pedaço de bolo?

LUCY — Por favor. Ah, Polly, não seja tão amável comigo. Realmente, eu não mereço. Ah, Polly, os homens não prestam.

MARY — É claro que os homens não prestam, mas o que podemos fazer?

LUCY — Não. Agora, quero pôr tudo a limpo. Polly, você vai ficar muito zangada comigo?

MARY — Por quê?

LUCY — Ela não é verdadeira.

MARY — Ela quem?

LUCY — Esta aqui! *Aponta para a barriga. E tudo isso por causa daquele bandido.*

MARY *ri* — Ah, mas isto é fantástico! Então, era um travesseiro? Você é danada de esperta, hein? Olha, quer ficar com o Mac? Eu te dou ele de presente. Se você o achar, pega ele. *Ouvem-se vozes e passos no corredor. O que é isto?*

Não há ninguém no mundo que o proteja?  
Seus ossos sentem frio de inverno.  
Quando morrer, bebam uma cerveja,  
Mas tirem-no agora deste inferno,  
Terminem seu martírio tão pungente!<sup>11</sup>

*Matthias e Jakob aparecem no corredor. Querem ver Macheath e são interpelados por Smith.*

SMITH — Eh, rapaz, você está parecendo uma sardinha des-  
tripada.

MATTHIAS — Desde que o Capitão foi embora, eu é que te-  
nho que emprenhar as nossas damas para que elas se be-  
neficiem do parágrafo da incapacidade! É preciso ser de  
ferro para manter-se firme neste trabalho. Preciso falar  
com o Capitão.

*Ambos vão até Mac.*

MAC — Cinco e vinte e cinco. Vocês não tiveram a mínima  
pressa.

JAKOB — Ora, acontece que a gente...<sup>12</sup>

MAC — Acontece... acontece... Acontece que vou ser en-  
forcado, homem. Não tenho mais tempo para me abor-

11. Andando em círculo, o ator que fizer o Macheath pode aqui repetir  
no seu cárcere todas as maneiras de andar que, até então, mostrou ao  
público. O passo atrevido do sedutor, o passo desanimado do perseguido,  
o passo altivo, o passo erudito etc. Nesta curta caminhada, ele pode  
mostrar mais uma vez todas as posturas de Macheath durante estes pou-  
cos dias.

12. Nesta cena o ator de teatro épico não se deixará seduzir pelo em-  
penho de levar ao extremo o medo de Macheath à morte, fazendo dele  
o clímax dominante de todo o ato, sob pena de frustrar o efeito teatral  
da representação seguinte, que é a da verdadeira amizade. (A amizade  
é verdadeira apenas sob a condição de ser limitada. A vitória moral dos  
dois amigos mais leais do sr. Macheath não se torna absolutamente ames-  
quinhada por aquela derrota moral ocorrida mais tarde, quando, por oca-  
sião da entrega de suas economias para o livramento de seu amigo, eles  
não se apressam o bastante.)

... vocês. Cinco e vinte e oito. Então: quanto é  
... vocês podem tirar da poupança particular de vocês?  
... que ser agora!

... Da nossa, às cinco da manhã?

... Já chegamos a esse ponto?

... Quatrocentas libras, pode ser?

... Sim, mas e nós? Afinal é tudo o que temos.

... Quem vai ser enforcado, vocês ou eu?

... agitado — Quem se deita com Suky Tawdry em  
... dar no pé? Quem se deita com Suky Tawdry,  
... eu você?

... Cala a boca. Logo eu vou estar deitado é num lugar  
... diferente da cama daquela vagabunda. Cinco e meia.

... Então, Matthias, a gente vai ter que ir nessa mesmo.  
... O senhor Brown manda perguntar o que o senhor  
... juraria como sua... refeição.

... Me deixa em paz. A Matthias: Então, quer ou não  
... A Smith: Aspargos.

... Não vem com grito pra cima de mim, não.

... Mas eu não estou gritando com você. É que eu...  
... Matthias, você quer me ver enforcado?

... É claro que não quero te ver enforcado. Quem  
... inno? Mas afinal é tudo o que temos. Quatrocentas  
... é mesmo tudo o que temos. Será que a gente não  
... mais dizer a verdade?

... Cinco e trinta e oito.

... Então rapidinho, Matthias, senão não vai adiantar  
... nada.

... — Se é que a gente consegue passar; está tudo  
... rápido. Essa plebe! Ambos saem.

... Se vocês não estiverem aqui até cinco minutos antes  
... não me verão nunca mais. Grita: Não me verão  
... nunca mais...

SMITH — Já foram. E aí, como é que é? *Faz o gesto de quem conta dinheiro.*

MAC — Quatrocentas. *Smith sai dando de ombros. Mac grita atrás dele:* Preciso falar com Brown.

SMITH *chegando com policiais* — Trouxeram a graxa?

POLICIAL — É, mas esta não é da boa.

SMITH — Deixa de onda, isso é coisa que se monta em dez minutos.

POLICIAL — Mas o alçapão não funciona.

SMITH — Tem que funcionar, não ouviu que os sinos já repicaram pela segunda vez?

POLICIAL — Isto aqui é uma porcaria.

MAC *canta* — Agora vejam como ele sofre,  
A vítima da pérfida maldade!  
Vocês aqui, que adoram só o cofre  
E o julgam ser a maior autoridade,  
Não deixem seu herói na fossa, gente!  
Corram depressa junto à soberana  
Para pedir clemência, anistia;  
Pois os malvados contam minha grana  
E, eu sofrendo, riem de alegria.  
Terminem meu martírio tão pungente!

SMITH — Não posso deixá-la entrar assim. A senhora só tem o número dezesseis. Ainda não chegou a sua vez.

POLLY — Ora, que história é essa de número dezesseis? Não seja tão burocrático. Eu sou a mulher dele, preciso falar com ele.

SMITH — Mas cinco minutos no máximo.

POLLY — Que história é essa de cinco minutos? É um absurdo. Cinco minutos! Isso é lá coisa que se diga? Pensa que é tão simples assim? Afinal, é uma despedida para sempre. Aí mesmo é que há tantas coisas para serem ditas entre marido e mulher... Mas onde ele está?

ORR — Ora, a senhora não está vendo ele?

ORR — Ah, mas é claro! Muito obrigada.

POLLY!

ORR — Sim, Mac, sou eu.

ORR — Ah, mas é claro!

ORR — Como é que você está passando? Está muito deprimido? É tão difícil!

ORR — E você, o que vai fazer de agora em diante? O que vai ser de você?

ORR — Sabe, Mac, nossos negócios vão muito bem. Isto é muito menos. Mackie, você está muito nervoso?... O que que o seu pai era mesmo? Há tantas coisas que você ainda não me contou. Não consigo entender. Afinal você foi sempre tão saudável.

ORR — Escuta, Polly, você não pode me ajudar a sair daqui?

ORR — Ah, mas é claro!

ORR — Com dinheiro, claro. É que eu combinei com o guarda...

ORR *devagar* — O dinheiro já foi mandado para Manchester.

ORR — Então, você está sem nada?

ORR — É, estou sem nada mesmo. Mas sabe, Mac, eu poderia falar com alguém, por exemplo... até poderia permitir à própria rainha, talvez. *Ela desmorona.* Oh, Mac!

ORR *afastando Polly* — Então já conseguiu as suas mil libras?

ORR — Vai com Deus, Mac, tudo de bom para você e não me esqueça! *Sai.*

*Smith e um policial trazem uma mesa com um prato de aspargos.*

ORR — Os aspargos estão macios?

ORR — Sim, senhor. *Sai.*

**BROWN aparece e se dirige a Smith** — Smith, o que ele quer comigo? Foi bom você ter me esperado para pôr a mesa. Vamos entrar agora mesmo com ela para que ele veja que nós somos bem-intencionados. *Juntos entram na cela com a mesa. Smith sai. Pausa.* Alô, Mac. Aqui estão os aspargos. Você não quer provar um pouquinho?

**MAC** — Não se incomode, senhor Brown, há outras pessoas que me renderão as últimas homenagens.<sup>13</sup>

**BROWN** — Ah, Mac!

**MAC** — Queira apresentar as contas, por favor. Se me permite, enquanto isso, eu como. Afinal, é a minha última refeição. *Come.*

**BROWN** — Bom apetite. Ah, Mac, é como se você traspassasse meu coração com um ferro em brasa.

**MAC** — As contas, senhor; por favor, as contas. Nada de sentimentalismos.

**BROWN, suspirando, tira um caderninho do bolso** — Eu as trouxe comigo, Mac. Aqui estão as contas do último semestre.

**MAC em tom cortante** — Então, o senhor só veio até aqui para sacar o seu dinheiro.

**BROWN** — Mas você sabe que não é assim. . .

**MAC** — Como queira, mas o senhor não deve sair prejudicado. Quanto lhe devo? Mas, por favor, especifique os cálculos. A vida me tornou desconfiado. . . É o senhor, melhor do que ninguém, me compreenderá.

**BROWN** — Mac, se você fala assim, eu não consigo nem mais pensar.

*Ouvem-se golpes de martelo atrás.*

13. Talvez o ator tenha a possibilidade de mostrar o seguinte: Macheath sente absolutamente como certo que, no seu caso, trata-se de um pavoroso erro jurídico. Na verdade a justiça perderia totalmente sua boa reputação se os bandidos se tornassem suas vítimas com mais freqüência do que na realidade acontece!

**BROWN (voz)** — Assim, agora está firme.

**MAC** — Ah contas, Brown.

**BROWN** — Bem, se você faz tanta questão: primeiro temos aquela quantia referente à captura de assassinos, denunciada por você ou seu pessoal. No total, você recebeu do governo. . .

**MAC** — Por três casos, a quarenta libras cada, 120 libras. Uma quarta parte para o senhor daria, então, trinta libras, que são, portanto, as que nós lhe devemos.

**BROWN** — Está bem, está bem. . . mas eu realmente não sei, Mac, se nos últimos minutos. . .

**MAC** — Por favor, deixe de baboseiras, sim? Trinta libras. E aquele de Dover, oito libras.

**BROWN** — Como? Só oito libras? Mas o combinado. . .

**MAC** — O senhor confia ou não confia em mim? Portanto, liquidando as contas do último semestre, o senhor receberá 38 libras.

**BROWN irrompendo em soluços** — Uma vida inteira. . . restando. . .

**MAC** — Todos os seus desejos.

**BROWN** — Três anos na Índia — John estava lá e Jim também cinco anos em Londres, e esta é a paga. *Mostrando o documento que terá como enforcado:*

*Mackie jamais a um piolho ofendeu  
E pende por obra de um ser traiçoeiro.  
No seu pescoço, que a corda torceu,  
Frente ele o peso do próprio traseiro.*

**BROWN** — Mac, se você vem desse jeito. . . quem ataca a minha honra, a mim ataca. *Sai apressado da cela, furioso.*

**MAC** — Sua honra. . .

**BROWN** — É, minha honra. Smith, comece! Deixe entrar as pessoas. *A Mac:* Com licença, por favor.

SMITH *rápido, para Macheath* — Ainda posso tirar o senhor daqui, mas tem que ser agora, porque daqui a um minuto não dá mais. Já tem o dinheiro aí?

MAC — Sim, assim que os rapazes voltarem.

SMITH — Nem sinal deles. Portanto: fim de papo.

*Deixam entrar as pessoas. Peachum, a senhora Peachum, Polly, Lucy, as putas, o reverendo, Matthias e Jakob.*

JENNY — Não queriam deixar a gente entrar. Mas eu disse para eles: se vocês não tirarem essas cabeças de merda do caminho, aí vocês vão ver quem é Jenny-Espelunca.

PEACHUM — Eu sou o sogro dele. Com licença; qual dos cavalheiros é o senhor Macheath?

MAC *apresenta-se* — Macheath.

PEACHUM, *passando pela cela, coloca-se, como todos os que vêm depois, do lado direito* — Senhor Macheath, o destino determinou que o senhor, sem que eu o conhecesse, se tornasse meu genro. As circunstâncias, nas quais eu o vejo pela primeira vez, são bem tristes. Senhor Macheath, outrora o senhor tinha luvas de pelica brancas, uma bengala com castão de marfim, uma cicatriz no pescoço e freqüentava o Hotel do Polvo. Agora, só lhe restou a cicatriz, que, dentre todas as suas marcas, é a de menor valor, e freqüentar, só as gaiolas, para, como é de prever, logo, logo, lugar nenhum...

*Polly passa chorando pela cela e se coloca do lado direito.*

MAC — Que vestido bonito o seu.

*Matthias e Jakob passam pela cela e se colocam do lado direito.*

MATTHIAS — Não conseguimos passar por causa da multidão na rua. Corremos tanto que eu fiquei com medo do Jakob ter um infarto. Se você não acredita na gente...

MAC — O que diz meu pessoal? Eles conseguiram bons lugares?

... — Olha, Capitão, achamos que o senhor nos com-  
... É que uma coroação também não acontece  
... os dias. O pessoal tem que ganhar a vida como  
... Eles mandam lembranças.

... Cordiais!

... PEACHUM *aproxima-se da cela e se coloca do lado*  
*dele* — Senhor Macheath, quem podia imaginar isso,  
... quando uma semana atrás dançávamos no Hotel do  
... Polvo?

... Sim, dançávamos.

... PEACHUM — Mas os caminhos desta vida são cruéis.  
... *no fundo, para o reverendo* — E foi com este homem  
... que eu lutei, ombro a ombro, no fogo cruzado da ba-  
... talha mais violenta de Azerbeidjã.

... *aproxima-se da cela* — O pessoal lá de Drury Lane  
... está completamente em pânico. Ninguém foi à coroação.  
... Todas querem te ver. *Coloca-se do lado direito.*

... Me ver.

... Bem, então vamos. Seis horas. *Manda tirá-lo da*  
*cela.*

... Sim, não vamos deixar as pessoas esperando. Minhas se-  
nhoras, meus senhores, estão vendo extinguir-se o re-  
presentante de uma classe em extinção. Nós, pequenos  
artesãos burgueses, que trabalhamos com o bom e velho  
pé-de-cabra as modestas caixas dos pequenos comercian-  
tes, estamos sendo engolidos pelos grandes empresários,  
atrás dos quais estão os bancos. O que é uma gazua com-  
parada a uma ação ao portador? O que é um assalto a  
um banco comparado à fundação de um banco? O que  
é o assassinato de um homem comparado com a contra-  
tação de um homem? Concidadãos, aqui me despeço de  
vocês. Agradeço por terem vindo. Alguns de vocês me  
eram muito caros. Que Jenny me tenha denunciado,  
muito me surpreende. É uma prova inequívoca de que  
o mundo continua o mesmo. A coincidência de algumas

circunstâncias infelizes provocou minha queda. Pois bem  
— eu caio.

*Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado.  
Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra.  
Nos letreiros lê-se:*

### BALADA NA QUAL MACHEATH PEDE DESCULPAS A TODOS

Irmãos que vêm após a nossa morte,  
Contenham-se do impiedoso insulto,  
Também não riam da perversa sorte,  
Atrás das barbas bobo riso oculto,  
E não praguejem sobre os enforcados,  
E não se mostrem, qual justiça, duros;  
Pois todos nós deixamos de ser puros,  
E todos afundamos nos pecados.  
Queiram ouvir a nossa advertência,  
Pedindo a Deus a graça e a clemência.

As chuvas a nós todos purificam,  
Lavando a carne muito bem-nutrida;  
Os olhos, insaciáveis nesta vida,  
Para que não cobicem, corvos picam.  
Alto subimos, cheios de ganância,  
Pagando pela nossa arrogância,  
Deixando nossa existência amada,  
Igual a sujo esterco sobre a estrada.  
Queiram ouvir a nossa advertência,  
Pedindo a Deus a graça e a clemência.

Às moças, desnudando os seus seios  
Para pescar fregueses sempre prontos,  
Aos cavalheiros que não são alheios  
Aos charmes das perdidas nos seus pontos,  
Aos vagabundos, frescos, prostitutas,  
Aos maltrapilhos, loucos e birutas,

Eu peço que perdoem meus pecados.  
Mas também aos tiras. Claro, não invejo  
A mim os deles: cada tarde e dia  
Alimentar os presos com sobejos  
E torturar na cela escura e fria.  
Mas merecem minha maldição,  
Porém prefiro ser condescendente,  
Para que aprendam a magnânime lição:  
Mas pedirei perdão, humildemente.

Que suas caras se desfaçam logo  
Nos golpes de martelos mais pesados!  
Do resto, quero esquecer e rogo:  
Desculpem, pois, todos os meus pecados!

———— Por favor, senhor Macheath.  
———— PEACHUM — Polly, Lucy, amparem o marido de  
você nesta sua última hora.  
———— Minhas senhoras, seja lá o que for que entre nós...  
———— levando-o — Vamos!

———— para a forca.

———— saem pelas portas à esquerda. Estas portas se encon-  
tram nas telas de projeção. Depois, todos voltam pelo outro  
lado do palco com lanternas na mão. Quando Macheath se  
apresenta sobre o patíbulo, fala

———— PREZADO PÚBLICO — Prezado público, lá vem o fim:  
(C) senhor Macheath será enforcado,  
Pois toda a cristandade age assim —  
Cada qual paga pelo seu pecado.  
Porém, não pensem como aprovado  
Por nós o que pratica tanta gente.  
(C) senhor Macheath não será enforcado:  
Nós temos um desfecho diferente.

Na ópera, a injustiça que nos laça  
Fica vencida, às vezes, pela graça.  
Eis um arauto com a boa nova,  
Que salva o herói da escura cova.

*Nos letreiros lê-se:*